



**Mediação das práticas de leitura e escrita na alfabetização de crianças em classes multisseriadas em escolas do/no campo**

**Mediation of reading and writing practices in children's literacy in multigrade classes in rural schools**

**Dilmar Rodrigues da Silva Júnior**

Universidade Federal do Piauí (UFPI)  
Teresina/PI-Brasil

**Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento**

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)  
Caxias/MA-Brasil

**Antonia Edna Brito**

Universidade Federal do Piauí (UFPI)  
Teresina/PI-Brasil

**Resumo**

O estudo parte da seguinte questão-problema: Como acontece a mediação das práticas de leitura e de escrita desenvolvidas no processo de alfabetização de crianças, em classes multisseriadas, em escola do/no campo? Com o objetivo de compreender a mediação das práticas de leitura e de escrita desenvolvidas no processo de alfabetização de crianças, em classes multisseriadas, em escola do/no campo. Foi orientado pelo método autobiográfico, por meio da pesquisa narrativa. Participaram da pesquisa, (03) três alfabetizadoras que atuam em escolas de classes multisseriadas, na educação do campo, na cidade de Caxias/MA. Conclui considerando que a mediação da leitura e da escrita nas classes multisseriadas deve assumir a dimensão reflexiva e valorizar a leitura como produção de sentidos, o que representa aos alfabetizadores como organizadores de experiências e como desafiadores das crianças.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Classes Multisseriadas; Mediação da Leitura e Escrita.

**Abstract**

The study is based on the following research question: How is the mediation of reading and writing practices carried out in the literacy process of children in multigrade classrooms in rural schools? The objective is to understand the mediation of reading and writing practices developed in the literacy process of children in multigrade classrooms in rural schools. It was guided by the autobiographical method, through narrative research. Three literacy teachers who work in multigrade classrooms in rural education in the city of Caxias, Maranhão, participated in the research. It concludes by arguing that the mediation of reading and writing in multigrade classrooms should adopt a reflective approach and value reading as the production of meaning, positioning literacy teachers as facilitators of experiences and as those who challenge children.

**Keywords:** Literacy; Multigrade classes; Reading and writing mediation.

## **Introdução**

Ao longo de nossas experiências profissionais como professores alfabetizadores nos anos iniciais do ensino fundamental em classes multisseriadas, temos percebido que a aprendizagem de leitura e escrita é complexa e requer interações pedagógicas, dentro e fora do espaço da sala de aula, que valorizem as funções e os usos sociais da leitura e da escrita, que oportunizem às crianças a vivência de atividades em grupos heterogêneos, bem como o acesso aos diferentes gêneros textuais que circulam socialmente, tendo em vista contribuir efetivamente com a formação de leitores e escritores, considerando o campo como espaço sociocultural rico em possibilidades pedagógicas.

Esta analisa o contexto da educação no campo, especialmente no que diz respeito à mediação das práticas de leitura e escrita em classes multisseriadas, que envolvem estudantes de diferentes idades, níveis de desenvolvimentos e anos escolares. A mediação, neste caso, refere-se às ações do professor e outros profissionais educacionais no processo de ensinar e apoiar as crianças na construção do conhecimento de leitura e escrita.

Reconhecemos que o campo e a escola do campo constituem espaços de vivência da linguagem escrita e desempenha um papel de fundamental no desenvolvimento do processo de apropriação da escrita, lembrando que as crianças, em seus cotidianos, partilham de usos sociais da leitura e da escrita. As ações da escola, considerando a natureza de seu trabalho no ensino da linguagem escrita, requer desenvolver ações de forma sistematizada, observando as demandas da sociedade letrada em relação aos atos de ler e de escrever.

Diante desse entendimento, pensar no ensino da leitura e da escrita em classes multisseriadas demanda um compromisso no sentido de assegurar a qualidade do processo de alfabetização das crianças nessas classes, por meio de ações que analisem as condições de ocorrência do ensino da linguagem escrita, que valorize o ensino da escrita em sintonia com a vida, observando que no processo de alfabetização “[...] é preciso que o alunos se constitua como locutor para penetrar na corrente de interações típicas do mundo letrado e transitar entre elas” (Colello, 2021, p. 129-130). O que implica no desenvolvimento do processo de alfabetização que valorize a dimensão comunicativa da linguagem e a importância das interações no processo de apropriação da linguagem escrita. Implica, também, na necessidade de os professores terem conhecimentos sobre a realidade onde os alunos estão

inseridos, ou seja, é preciso que conheçam a realidade da escola do campo, das classes multisseriadas e das crianças.

Com base nessa compreensão, definimos como objeto de estudo para o artigo: a mediação das práticas de leitura e escrita no cotidiano da alfabetização de crianças em classes multisseriadas. Estabelecendo a seguinte questão-problema: Como acontece a mediação das práticas de leitura e de escrita desenvolvidas no cotidiano da alfabetização de crianças, em classes multisseriadas, em escola do/no campo?. Considerando a definição da questão de pesquisa, vale ressaltar que esta, trata-se de um recorte da dissertação de conclusão do curso de Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Piauí – PPGEd/UFPI, no qual tivemos a oportunidade de desenvolver estudos e pesquisas na linha de pesquisa 01: Formação de Professores e Práticas da Docência.

Este estudo possui como objetivo geral compreender a mediação das práticas de leitura e de escrita desenvolvidas no cotidiano do processo de alfabetização de crianças, em classes multisseriadas, em escola do/no campo. A concepção de alfabetização que fundamentam a pesquisa se baseia na teoria histórico-cultural, que articula alfabetização e letramento, compreendendo o ensino da linguagem escrita como processo complexo e multifacetado. Ou seja, alfabetização constitui processo de apropriação da leitura e da escrita a partir de seus usos e funções sociais. As classes multisseriadas, se caracterizam como instituições que oferecem a primeira etapa do ensino fundamental (1º ao 5º ano), em um espaço único de aprendizagem, para atendimento de alunos que se encontram em diferentes séries ou anos escolares.

As escolas do campo enfrentam desafios específicos, como a isolamento ou distanciamento geográfico, limitação de recursos pedagógicos e dificuldades na infraestrutura. Além disso, muitas vezes as crianças dessas localidades possuem uma realidade sociocultural distinta das de áreas urbanas, com pouca exposição a materiais de leitura e escrita fora do contexto escolar. O que pode afetar diretamente o processo de alfabetização, uma vez que as práticas de leitura e escrita são muitas vezes mediadas por experiências do cotidiano da criança, que pode não ter o mesmo acesso à literatura, mídias digitais e outros recursos presentes nas escolas urbanas que muitas vezes são mais organizadas e oferecem mais recursos didáticos, pedagógicos e tecnológicos.

## *Mediação das práticas de leitura e escrita na alfabetização de crianças em classes multisseriadas em escolas do/no campo*

A metodologia utilizada para a produção dos dados está na abordagem autobiográfica na pesquisa sobre alfabetização a partir de Dominicé (1988) mostrando que o método autobiográfico é pertinente para o desenvolvimento desta pesquisa que aborda a alfabetização de classes multisseriadas na educação do campo por dar visibilidade às experiências de profissionais muitas vezes invisibilizadas no cenário educacional brasileiro. Considerando a perspectiva crítica do método autobiográfico, é possível identificar que enaltece vozes de sujeitos que, muitas vezes, são esquecidos ou silenciados em contextos conflitantes ou situações do cotidiano. Compreendemos que o método autobiográfico poderá contribuir para que as colaboradoras do estudo desenvolvam o autoconhecimento e o conhecimento de suas práticas docentes alfabetizadoras, perspectivando que a partir das reflexões sobre suas experiências possam revisitar suas práticas e investir na autoformação.

Sobre o dispositivo para a produção de dados, utilizamos a entrevista narrativa como forma de compreendermos a tessitura subjetiva, ou seja, os relatos das colaboradoras. Clandinin e Connelly (2011) destacam que a narrativa surge como um caminho alternativo para que pesquisadores e colaboradores de pesquisas possam viver um relacionamento produtivo na produção do conhecimento. Para os autores, a vida é preche de fragmentos narrativos, que se desenrolam em diferentes tempos e espaços e as pessoas vivem histórias e é no contar dessas histórias que vão se reafirmando e modificando e criando novas histórias.

Quanto às colaboradoras do estudo: Severina, Fernanda e Elza, as mesmas tiveram livre autonomia para que suas verdadeiras identidades fossem reveladas, uma vez que antes do desenvolvimento da entrevista narrativa, apresentamos o projeto de pesquisa, com as pretensões do estudo: justificativa, problematização, objetivos e relevância para a comunidade acadêmica e profissional no âmbito da alfabetização em escolas do/no campo. Dessa forma, as colaboradoras estiveram mais confortáveis para a exposição de suas identidades, tendo em vista ainda que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Piauí - UFPI. Vale ressaltar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Piauí- UFPI, sob número de CAAE: 47650121.5.0000.5214.

De modo geral, entendemos que a alfabetização em classes multisseriadas, necessita privilegiar os usos sociais da leitura e da escrita, transcendendo atividades tradicionais mecânicas e hierarquizadas, cujo foco é o desenvolvimento dos processos de codificação e

decodificação. Ler, nesta acepção, significa decifrar e escrever significa codificar. Na concepção histórico-cultural de alfabetização, a leitura é compreendida como produção de sentidos e a escrita como processo criativo de produção de ideias.

Considerando as concepções de alfabetização, de leitura e de escrita, defendemos que é necessário assegurar, que alfabetização em classes multisseriadas, possa despertar da capacidade criadora e reflexiva dos alunos no aprendizado da escrita. O tema deste artigo é pertinente e atual, mesmo que já se tenha muitos estudos sobre as mediações de práticas de leitura e escrita. Trata-se do enfoque dado às classes multisseriadas na escola do/no campo, a partir da narrativa das docentes alfabetizadoras, o que o torna inédito.

### **Leitura e escrita no processo de alfabetização de crianças: tecendo algumas considerações**

O processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita objetiva que as crianças desenvolvam competências leitoras e escritoras com o intuito possibilitar suas incursões nas práticas sociais da linguagem oral e escrita. As crianças, mesmo antes do ingresso na educação formal, estão inseridas em uma sociedade letrada, participando efetivamente de eventos e práticas de desenvolvimento dos atos de ler e escrever. Partindo dessa reflexão, objetivamos, nesta seção, discorrer sobre as práticas de leitura e de escrita na alfabetização, recorrendo aos seguintes questionamentos: O que é leitura? Qual a importância da leitura e escrita na alfabetização? Que habilidades são necessárias na formação do leitor?. Em relação ao processo de apropriação da língua escrita, refletimos a respeito das produções escritas a serem propostas às crianças para que possam desenvolver habilidades de escritores.

As crianças estão imersas em práticas sociais de leitura e de escrita no cotidiano de suas vidas e, por isso, ao ingressarem na escolarização formal é preciso que os professores levem em conta seus conhecimentos prévios sobre a linguagem escrita. No que concerne ao ensino da leitura e da escrita na alfabetização, devemos ter ciência que esse ensino é afetado pelas concepções dos professores, que podem interferir na formação de leitores e escritores.

A Mediação nas Práticas de Leitura e Escrita no contexto das classes multisseriadas envolve a capacidade do professor de organizar o contexto de aprendizagem de forma que todos os alunos, independentemente de seu ano/série, possam se desenvolver. Para isso, algumas estratégias podem ser adotadas: Atividades diferenciadas: o professor pode planejar atividades que contemplem as necessidades de aprendizagem dos alunos, utilizando estratégias diversificadas para os diferentes níveis de leitura e escrita. Leitura compartilhada:

## *Mediação das práticas de leitura e escrita na alfabetização de crianças em classes multisseriadas em escolas do/no campo*

em que o professor lê um texto em voz alta para os alunos, incentivando a participação deles. Isso pode ser feito de maneira que alunos de diferentes níveis participem da construção do entendimento do texto, promovendo a interação entre eles.

Outro instrumento de mediação do professor está no uso das Rodas de leitura: essas atividades ajudam a desenvolver a compreensão e o gosto pela leitura, além de ser uma excelente oportunidade para trabalhar as habilidades de fala, escuta e escrita. A Produção escrita colaborativa: a escrita pode ser trabalhada de forma coletiva, onde os alunos mais experientes ajudam os mais novos a construir suas produções textuais. Isso promove a colaboração e permite a troca de conhecimentos. Já o uso de materiais contextualizados: o professor pode trabalhar com textos que se relacionem com a realidade do campo, utilizando histórias, músicas, poesias e contos populares locais. Isso ajuda a aproximar a criança do conteúdo e torna o processo de alfabetização mais significativo.

Segundo Cafiero (2005, p. 17), a leitura "[...] constitui uma atividade ou um processo cognitivo de construção de sentidos realizados por sujeitos sociais inseridos num tempo histórico, numa dada cultura". Compreendemos, a partir do que a autora afirma, que a leitura exige atitude reflexiva do leitor para compreensão do que é lido. Essa concepção de leitura postula que o ato de ler não se reduz à decodificação ou decifração de signos linguísticos. Ler implica compreensão, interpretação e produção de sentidos, a partir de atividades cognitivas e reflexivas desenvolvidas pelos leitores. Lajolo (1982, p. 59), de modo similar às ideias de Cafiero (2005) defende que "[...] a leitura não se resume apenas no ato de decifrar o código da escrita produzidos por alguém, convencionalmente, como por exemplo: um jogo de adivinhações ou os sentidos de um texto [...]". Para a autora a leitura é praticada por um sujeito social capaz de atribuir sentido e significado ao discurso escrito. A compreensão dos sentidos de um texto lido pode ser alcançada quando o leitor dialoga e interroga o texto lido, tendo como suporte seus conhecimentos prévios e suas experiências de vida.

Considerando as concepções de leitura que apresentamos, podemos nos reportar sua importância ou seu impacto na vida das pessoas. Jolibert (1993) refere-se aos impactos da leitura na vida das pessoas comentando que, os indivíduos ao utilizarem habitualmente a leitura ampliam seus papéis na sociedade e no mundo, tendo em vista que o leitor ao adentrar no universo da leitura é capaz de identificar elementos objetivos de sua realidade e de participar de forma consciente nos acontecimentos de sua vida, posto que o ato de ler não

significa simplesmente decodificar os sinais da língua escrita, mas implica na interação leitor/autor/texto para produção de sentidos sobre o que é lido. Pensar a leitura como um processo de construção de sentidos implica compreender que quando alguém lê um texto não está apenas realizando uma tradução literal daquilo que o autor do texto produziu, pois, a construção de sentidos é resultado da interação do leitor com os textos.

No processo formal de escolarização, especialmente na alfabetização, as crianças precisam ter oportunidade de vivenciar diferentes situações de leitura para que desenvolvam habilidades e competências leitoras. Quando o leitor amplia suas habilidades e competências na leitura é capaz de selecionar textos atendam suas necessidades e de selecionar estratégias de leitura adequadas ao seu perfil. O leitor competente pode ser considerado como aquele que interage com o texto, identifica elementos explícitos nele, lê e compreende o que está lendo, extrai significados e elementos que não aparecem explicitamente no texto. Essas habilidades e competências podem ser objeto de interesse de um processo de alfabetização que transcenda à dimensão instrumental do processo de aquisição da linguagem escrita (Cafiero, 2005).

No desenvolvimento de habilidades e de competências de leitura em sala de aula, segundo a autora, o professor deve privilegiar a diversidade textual, haja vista que cada texto exige habilidades diferentes. Significa que não se lê da mesma forma, por exemplo, uma notícia de jornal, um conto de fada, um poema ou receitas de culinária. Para adquirir competências leitoras é preciso disciplina e organização de tempos e espaços para a efetivação da prática de leitura, como produção de sentidos.

Diferentes situações podem colaborar para que as crianças em fase de alfabetização desenvolvam habilidades e competências de leitura em sala de aula. Por exemplo, nas atividades de leitura as crianças, a partir da mediação dos professores, diferentes desafios poderão ser apresentados, tais como: “[...] fazer previsões a partir do título, sobre o assunto do texto, gênero e suporte. Outra estratégia está na possibilidade de levantar hipóteses de como o texto continua a partir de informações do início dele [...]” (Cafiero, 2005, p. 41). Os questionamentos sobre o texto são importantes para que as crianças aprendam a refletir sobre a leitura e para aguçar a interpretação e produção de sentidos. A autora indica, ainda, que é recomendável pensar na prática de consultar o dicionário para extrair sentidos e significados de palavras desconhecidas, encontradas durante a leitura de textos, bem como

*Mediação das práticas de leitura e escrita na alfabetização de crianças em classes multisseriadas em escolas do/no campo*

se refere à possibilidade de as crianças inferirem os significados das palavras.

Ferreira e Correia (2020, p. 81) em seus estudos sobre alfabetização recomendam deve acontecer por meio da exploração de diferentes gêneros discursivos e alertam que a leitura (do mesmo modo que a escrita), como objeto de ensino na escola, “[...] não tem recebido o valor e a importância que deveria ter, exatamente por não ser utilizado como linguagem, ou seja, em vez de ser concebido como forma de interação social [...]”. Conforme as autoras esse fato é decorrente do modo como a escola tem concebido a língua, sem focalizar a interação verbal.

No que se refere ao ensino da produção escrita, podemos questionar: o que é escrever? Como trabalhar a produção de textos escritos na alfabetização? Morais (2012, p. 29) aborda essa temática afirmando que:

[...] algumas pesquisas recentes sobre a aquisição da escrita, têm destacado o papel das práticas sistemáticas e reflexivas de ensino como condição primordial da alfabetização das crianças e requisito para o domínio autônomo da leitura e produção de textos.

O autor reforça que ensinar a ler e a escrever, para a formação de leitores e escritores autônomos, demanda uma organização sistemática do processo de ensino e, também, requer que esse ensino se dê de forma reflexiva, oportunizando às crianças a análise de suas ideias e hipóteses.

Desta forma, os autores supracitados recomendam que o processo de alfabetização aconteça por meio da utilização de diferentes gêneros discursivos. Isso significa que, ao invés de se concentrar exclusivamente em textos didáticos e tradicionais, o ensino de leitura e escrita deve ser ampliado para incluir uma variedade de gêneros textuais, como narrativas, poemas, textos informativos, mídias digitais, cartas, receitas, propagandas, manuais, entre outros. Pois, permite que os alunos compreendam as diversas funções da língua e a forma como a escrita se adapta a contextos e intenções comunicativas distintos. Cada gênero tem suas características próprias, como estrutura, vocabulário e objetivos, e, ao entrar em contato com diferentes textos, a criança amplia seu repertório linguístico e se torna capaz de navegar por situações de comunicação diversificadas. A exemplo de que ao ler uma história em quadrinhos, a criança é exposta a narrativas visuais e à combinação de texto e imagem; Ao trabalhar com textos jornalísticos, ela aprende a identificar a estrutura de uma notícia e a

função informativa da escrita; e ao ler uma receita, a criança tem contato com instruções sequenciais e aprende a interpretar textos que visam orientar uma ação prática.

Um aspecto importante a ser considerado quando nos reportamos à produção escrita na alfabetização é compreender o que é escrever. Na abordagem de alfabetização que defendemos neste estudo escrever não se resume a copiar, mas implica na produção de ideias e de conhecimentos. Escrever constitui uma atividade de criação, de produção, que exige do escritor conhecimentos sobre o que vai escrever. Embora a escrita faça parte do cotidiano das crianças, sejam do campo ou não, e possa ser encontrada em vários portadores de textos (letreiros de ônibus, placas de trânsito, fachadas de lojas, jornais, revistas, livros, entre outros) aprender a escrever não acontece naturalmente. A produção escrita precisa ser ensinada e cabe à escola esse ensino, para que as crianças se reconheçam como autores de seus textos e sintam prazer em escrever.

No processo de alfabetização é preciso entender a produção escrita de um texto como uma atividade que envolve, entre outras, a habilidade cognitiva e deve seguir etapas que contribuam com o desenvolvimento linguístico do leitor. A respeito da produção escrita Bajard (2012, p. 168) defende que escrever um texto consiste em “[...] uma atividade que supõe informação, conhecimento do objeto sobre o qual se vai discorrer, além, é claro, de outros conhecimentos de ordem textual-discursiva e linguística [...]”. Escrever um texto, na concepção da autora, exige que o escriba tenha conhecimentos sobre o tema a ser abordado, seja ele de classes de alfabetização, seja de outros níveis de ensino. No processo de mediação da produção escrita o aluno precisa se reconhecer como sujeito de seu próprio texto, pois sua escrita expressa suas ideias e sua compreensão sobre o objeto de sua escrita.

Na produção escrita, assim como na leitura, a utilização de diferentes gêneros discursivos é de extrema importância, para que as crianças percebam os distintos formatos que assumem, as diferentes funções que assumem na sociedade letrada, os diversos suportes textuais, as propriedades sociocomunicativas de funcionalidade e de intencionalidade dos textos. Marcuschi (2002, p. 24) afirma que um texto produzido por alguém explicita “[...] uma identidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual [...]”. Para o autor, o texto é um veículo de comunicação social, mesmo produzido de maneira isolada por alguém, pois a intenção de quem escreve é que seu texto seja lido.

Nas classes de alfabetização, em escolas multisseriadas, a leitura e a escrita de textos

*Mediação das práticas de leitura e escrita na alfabetização de crianças em classes multisseriadas em escolas do/no campo*

(seja uma poesia, uma crônica, uma bula de remédio, uma receita culinária, um e-mail, uma reportagem, uma charge, entre outros), sob a mediação dos alfabetizadores, deverá ser realizada de acordo com os usos reais desses gêneros textuais na sociedade, evitando-se a artificialização de situações de letramento. Assim, o professor trabalhar os gêneros textuais em sala de aula, é importante que ressalte o caráter funcional da escrita. A que se refere o caráter funcional da linguagem escrita? O caráter funcional da escrita diz respeito ao papel social que a linguagem escrita exerce na sociedade letrada. Precisamos reforçar que as crianças necessitam escrever textos tendo como referência aqueles que circulam socialmente, pois de acordo com Marcuschi (2008, p. 149), “[...] o trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas”. A partir da afirmação do autor, compreendemos que, na medida em que o professor trabalha o gênero textual em sala de aula, levando em conta seu caráter funcional, seu papel social na sociedade, os alunos deixam de fazer redação (gênero escolar) para produzir textos (diferentes gêneros textuais).

Em relação às mediações de alfabetizadores no processo de produção de textos, o que percebemos na escrita deste texto é que a escola precisa abandonar o exercício mecânico do ato de escrever, cujo resultado tem sido a escrita de pseudos textos (textos sem sentido, cartilhescos). Marcuschi (2002, p. 24) realça enfatizando que ao produzir um texto,

O aluno deve assumir-se como locutor, como sujeito de seu dizer e isso implica que tenha o que dizer e tenha razões para esse dizer, que ele saiba a quem dizer e com que finalidade produz seu dizer [...].

O conhecimento desses elementos o auxilia na escolha das estratégias que constituem seu dizer, na seleção dos mecanismos que determinam o modo de dizer e, por fim, na escolha do gênero textual a ser empregado em diferentes situações sociais. Essa concepção traz à tona outro fator: o texto é visto como um objeto de interação entre interlocutores e não como um produto final a ser avaliado.

O professor alfabetizador, no contexto das classes multisseriadas, é o mediador principal nesse processo. Para ter uma boa comunicação e contribuir no processo de aquisição da leitura e escrita, precisa ser capaz de observar e identificar as necessidades específicas de cada aluno e, a partir disso, planejar e implementar estratégias que promovam o desenvolvimento de todos, em vista de suas singularidades. A formação continuada do professor é essencial, uma vez que ele precisa estar preparado para lidar com a diversidade

de ritmos de aprendizagem e com a heterogeneidade da turma.

Desta forma, nas classes multisseriadas, as interações entre os estudantes também desempenham um papel importante na mediação das práticas de leitura e escrita. Crianças mais velhas podem ser incentivadas a ajudar as mais novas, o que, além de reforçar o aprendizado delas, contribui para a solidariedade e cooperação na sala de aula. O trabalho em grupo pode gerar um contexto mais colaborativo e fortalecer a relação entre os alunos e alunos e professor alfabetizador.

Nesta perspectiva, na concepção de Marcuschi (2002) escrever textos produzidos exige que o professor estabeleça uma sequência didática do processo de reescrita, no qual o aluno (autor) retoma a leitura do seu texto, observando atenciosamente as indicações feitas e o que precisa reescrever, a fim de reorganizar o processo de escrita com vistas a interação com os leitores. Diante dessas análises sobre o processo de produção de textos, destacamos a importância da reescrita do texto como um momento singular de aprendizagens para as crianças, cujo foco não se prende apenas a avaliação da escrita das crianças, mas se dá como uma atividade que pode provocar muitos aprendizados.

#### **Mediação das práticas de leitura e escrita a partir das narrativas de alfabetizadoras**

O processo de alfabetização requer intensa interação entre professores e alunos. Essa interação se concretiza na mediação do conhecimento e é muito importante para conduzir as crianças em processos reflexivos no aprendizado da escrita, que podem contribuir com o desenvolvimento para que avancem nas etapas mais complexas de apropriação da escrita. Na rotina das salas de aula de alfabetização as interações possibilitam compartilhamentos de conhecimentos e a colaboração entre as crianças.

Mediar o processo de alfabetização consiste, segundo Soares (2003, p. 24), "[...] numa atividade social praticada por um agente cognitivo que contribua efetivamente no desenvolvimento da cognição de outros indivíduos". Essa atividade, no contexto escolar, é de responsabilidade dos professores a fim de facilitar as aprendizagens dos alunos. Para cumprir as exigências da mediação das aprendizagens os professores precisam organizar as situações de ensino (por meio de atividades) e gerir as relações dos alunos com o conhecimento.

No caso específico da mediação no ensino da leitura e escrita, as interações entre professores e alunos precisam considerar que as crianças podem aprender refletindo sobre a linguagem escrita e sobre as hipóteses que constroem no processo de apropriação da escrita.

## *Mediação das práticas de leitura e escrita na alfabetização de crianças em classes multisseriadas em escolas do/no campo*

Por meio dessa mediação os professores podem desafiar as crianças a testarem suas hipóteses, levando-as a revisitá-las. A narrativa da colaboradora Severina, descreve alguns aspectos da mediação pedagógica que materializa no ensino das práticas de leitura e escrita no contexto de classes multisseriadas em escola do/no campo:

*Para cada atividade, eu vou auxiliando pausadamente como deve ser operada por elas as atividades. Por exemplo, quando a música trabalha com vogais ou consoantes, eu vou associando a letra com o animal e também o tamanho do animal, também dou a estrutura do animal em forma de imagens para elas aprenderem mais rapidamente, e assim por diante [...]. (Professora Severina/ Entrevista Narrativa, 2021).*

Analisando o relato da professora Severina inferimos que a mediação pedagógica que desenvolve pode ser caracterizada em duas dimensões: técnica e reflexiva. A partir do que Severina expôs em sua narrativa, identificamos uma ênfase na mediação técnica, focada na memorização e nas associações entre letras e sons. Bakhtin (2003) afirma que é necessário propor o conhecimento da escrita, oportunizando reflexões sobre os enunciados dos textos trabalhados. Bakhtin (2003, p.54) comenta: “A reflexão, seria a ligação entre os signos ideológicos, palavras, processos de comunicação e interação entre texto, significados e processos de produção [...]”. Aprender a ler e a escrever como atividade de interação com a linguagem escrita, objeto histórica construído, deve ter compromisso com a consolidar de uma aprendizagem de contextualizada em situações reais de comunicação.

Nesta dimensão a leitura e a escrita como práticas pedagógica para Bakhtin (2003), deve haver a contribuição da linguagem como processo essencialmente dialógico, ou seja, os textos não são apenas produções isoladas, mas expressões de interações entre diferentes vozes. No ensino das práticas de leitura e escrita em classes multisseriadas, o professor deve criar um ambiente onde os estudantes possam se envolver em um "diálogo" com os textos e uns com os outros. A leitura deve ser compreendida como uma troca entre o leitor e o autor do texto, onde o significado colaborativamente.

Assim, a interação entre os estudantes nas práticas de leitura e escrita devem ser mediadas de forma que os alunos, independentemente da idade ou nível de aprendizado, possam dialogar sobre os textos lidos e suas produções escritas. Isso significa que o professor precisa estimular a interação entre os alunos, promovendo debates, discussões e a troca de

ideias, e criando momentos em que os alunos possam compartilhar suas interpretações e ressignificar os textos ajudando e fortalecendo o processo de alfabetização.

O método de associação entre letras, imagens e estruturas de determinados elementos resulta em uma alfabetização não contextualizada como retratada no relato da colaboradora Severina. Os métodos associacionismos são aqueles em que a “[...] aprendizagem se dá por um processo de associação de ideias, que vai desde as mais simples às mais complexas [...]” (Mortatti, 2000, p. 34). A partir da visão da autora, podemos afirmar que a definição do que é simples ou complexo é resultado de uma concepção adultocêntrica, ancorada na ideia de que para aprender a pessoa precisaria primeiro aprender as ideias mais simples, associadas ao conteúdo ensinado. A partir da narrativa da professora Severina, constatamos que as práticas de leitura e escrita são dois processos extremamente complexos, interdependentes, conforme mencionamos no início do parágrafo, que demandam ao professor realizar o planejamento sistemático de suas ações. Cabe ao professor, portanto, a partir dessa complexidade para decidir sobre os métodos de alfabetização que utilizará.

As narrativas denotam que a mediação orquestrada pela professora Severina se dá por meio de associações de letras, embora em relatos anteriores afirme privilegiar a variedade de textos que podem favorecer as habilidades de leitura e escrita. Foucambert (1994, p.77) sugere um ensino da linguagem escrita contextualizado, uma vez que os incrementos de “[...] habilidades de leitura são desenvolvidas por meio da imersão da escrita e na prática de leitura, não podendo ser ensinadas de maneira isolada e descontextualizada das práticas sociais [...]”. Reiteramos que a atividade do ensino da leitura deve estar baseada em métodos que considerem a necessidade de inserir as crianças em práticas de leitura e escrita contextualizadas, na qual o leitor e o escritor podem compreender a função social da escrita.

Comprendemos a partir da narrativa de Severina que o papel do professor alfabetizador deve consistir em criar possibilidades, promovendo práticas que vão além de uma sala de aula, buscando compreender as dimensões de todo esse processo de alfabetizar, uma prática capaz de formar sujeitos com autonomia e criticidade. No interior da sala de aula, é recomendável trabalhar a linguagem evidenciando a própria natureza social do homem, já que seu desenvolvimento intelectual está ligado às relações estabelecidas na sociedade, assim, “a realidade objetiva estimula a internalização de conceitos, valores e significados

*Mediação das práticas de leitura e escrita na alfabetização de crianças em classes multisseriadas em escolas do/no campo*

construídos ao longo da história humana e empregados em seus discursos sociais”. (Bakhtin, 2003, p. 44).

A partir do autor e com ênfase a narrativa da colaboradora Severina, entendemos que a alfabetização precisa ser mediada para expressar os usos e funções sociais da língua escrita. É necessário considerar os conhecimentos prévios das crianças, pois a partir desses conhecimentos o indivíduo poderá se mobilizar nas práticas sociais da linguagem. No que concerne à narrativa da professora Fernanda sobre mediação nas práticas de leitura e escrita em classe multisseriadas, podemos destacar:

*Cada criança tem um nível de aprendizagem. Então, eu adequo a minha prática para elas aprenderem dando “pistas”, “dicas”, até formar essa aprendizagem de forma completa. [...]. Eu procuro sempre trabalhar atividades diversificadas e, principalmente, envolver a coletividade, pois muitas crianças tem comportamento individualista, acredito que seja pela ausência de educação ou valores que as famílias não repassam em casa. É uma realidade desafiadora, mas não impossível. [...], tenho visto muitos avanços (Professora Fernanda/ Entrevista Narrativa, 2021).*

O professor alfabetizador é chamado a desenvolver uma prática alicerçada nas necessidades da sociedade letrada e de seus sujeitos. Essa sociedade exige do indivíduo a participação ativa em diversas atividades que envolvam a leitura e escrita. É importante que o educador desenvolva uma prática que conduza a aprendizagem da língua escrita de forma adequada, propiciando ao aluno entender e saber fazer o uso das habilidades de leitura e escrita em seu contexto social. A partir do relato da professora Fernanda, podemos inferir algumas situações ao contexto da mediação das práticas de leitura e escrita com vista ao alcance das aprendizagens das crianças.

Primeiro, observamos que reconhece que cada criança tem um nível de aprendizagem individual, que vai se constituindo e aprimorando com o passar do tempo. Segundo, identificamos que a colaboradora coloca em destaque a necessidade de adequar a sua prática conforme essas individualidades da demanda de crianças, acompanhando e orientando a aprendizagem da leitura e da escrita. A respeito do que relatou a professora Fernanda, ao mencionar a mediação no processo de apropriação da língua escrita, podemos recorrer ao que afirma Moraes (2012, p. 24): “[...] cada criança tem um nível de aprendizagem individual que vai se constituindo e aprimorando com o passar do tempo”. Considerar os níveis de

conhecimentos das crianças em relação à leitura e a escrita serve de reflexão e discussão entre os professores como eixo para o planejamento da intervenção didática.

Sobre as etapas/níveis de aprendizagem mencionados por Fernanda, Ferreiro (1986, p. 93) compreende que “[...] cabe ao educador, o propósito de subsidiar a sua prática efetivamente planejada com vistas a consecução de etapas preexistentes pelas crianças”. Essa afirmação ilustra as diversas formas como os professores alfabetizadores desenvolverem situações específicas de leitura e escrita, diagnosticando as etapas de escrita em que se encontram as crianças (pré-silábica, silábica, silábica-alfabética, alfabética). Cada situação constitui ponto de partida para o favorecimento da aprendizagem do indivíduo. Quando as crianças revelam ideias sobre o que escrevem e o que pensam e formulam suas hipóteses, oferecem informações para o planejamento do ensino. Smolka (1998, p. 63) mostra que “[...] palavras [...] sobre um papel, seja por meio de rabiscos ou palavras completas, criam relações entre os indivíduos, porque naquela escrita, está materializado fatos do cotidiano [...]”.

A partir do que a autora afirma, compreendemos que a leitura e a escrita vão além de um mero conhecimento formal escolarizado, tendo em vista que é útil nas diferentes experiências que vivemos na sociedade letrada. A apropriação desses objetos socioculturais possibilita a compreensão acerca dos fatos, das pessoas, do mundo, mas essa apropriação precisa ser construída para poder ganhar sentido. Independente da etapa/nível de conhecimentos das crianças sobre a escrita, o professor deve mediar a alfabetização de modo que as crianças entendam o valor social da leitura e da escrita.

A mediação pedagógica no ensino das práticas de leitura e escrita, em um contexto multisseriado no campo, pode ser enriquecida pela comunicação dialógica, a contextualização social e histórica, o desenvolvimento de um discurso crítico e a construção do sentido. Essas ideias ajudam a criar um contexto de aprendizagem inclusivo e dinâmico, onde a linguagem se torna uma ferramenta de expressão, reflexão e transformação. O professor, portanto, tem um papel fundamental como mediador, guiando os alunos nesse processo contínuo de produção e ressignificação de significados.

A aprendizagem da leitura e escrita quando mediada reflexivamente pelos professores, ganha maiores possibilidades de uma formação crítica das crianças. Para tanto, os professores precisam atentar para o universo social das práticas de leitura e escrita na

## *Mediação das práticas de leitura e escrita na alfabetização de crianças em classes multisseriadas em escolas do/no campo*

realidade social. Ou seja, para desenvolver uma prática alfabetizadora com efeitos transformadores, é necessário tomar decisões teórico-metodológicas quanto ao processo de alfabetização, além de conhecer as fases de desenvolvimento da criança e suas hipóteses em relação à língua escrita. Esses aspectos, no ensino da leitura e da escrita, referendam a alfabetização como processo que, além de implicar no desenvolvimento de habilidades leitoras e escritoras, precisam assumir um caráter emancipador. Em torno da temática da mediação na alfabetização, a professora Elza registra:

*Em minha classe, as crianças são mais desenvolvidas, mas é claro que muitas tem dificuldades. [...] eu vejo as dificuldades apresentadas por elas e planejo o meu itinerário como forma minuciosa de assistir cada criança, pois a aprendizagem delas é individual e eu vejo o quanto preciso facilitar, seja nas brincadeiras, com os seus objetivos, nas atividades da oralidade e escrita também. (Professora Elza/ Entrevista Narrativa, 2021).*

Com a narrativa da professora Elza, verificamos que a colaboradora reconhece que, embora as crianças estejam em etapa avançada de escrita, ainda têm muitas. Essas dificuldades, segundo enfatiza, servem de base para que replaneje sua prática docente. As situações de mediação das práticas de leitura e escrita, de acordo com a colaboradora, objetivam facilitar as aprendizagens das crianças. O relato da professora Elza mostra a complexidade de efetivação do ensino da linguagem escrita em sala de aula e como age para articular as linguagens oral e escrita. Leontiev (1978, p. 45) reflete a respeito dessa articulação, esclarecendo que “[...] a escrita é componente da língua. É a manifestação da língua. Ela é mediada pela fala e a criança ao escrever, aprende ao escrever e nesse entrelace, vai aprendendo muito mais sobre a escrita [...]”. Com a afirmação do autor, entendemos que se aprende a escrever escrevendo.

Além dos desafios e dificuldades mencionados anteriormente, com base nas nossas experiências e observações no contexto do/no campo, ainda existem escassez de recursos e o isolamento, a implementação de tecnologias pode ser uma solução interessante. Em algumas escolas do campo, o uso de recursos digitais, como tablets ou celulares, tem sido adotado para enriquecer as práticas de leitura e escrita. Embora ainda seja um desafio em muitos lugares, o acesso a esses recursos pode contribuir para uma alfabetização mais dinâmica.

Assim, na mediação do ensino da linguagem escrita, os métodos de alfabetização são importantes, mas não constituem panaceia para os problemas da alfabetização. Para uma formação reflexiva no ensino da linguagem escrita o método precisa levar em conta as funções sociocomunicativas e interlocutivas dessa linguagem, as quais precisa compreender para efetivar uma alfabetização, firmada em atividades e interações que valorizem os diferentes papéis socioculturais da leitura e da escrita.

Por meio da mediação, o professor possibilita aos alunos a construção de sentidos para o texto. A interação com o outro é essencial para a ampliação da compreensão. Por isso, é de fundamental importância que a leitura de determinado texto seja seguida por um momento de conversa, na qual os alunos possam discutir sobre o que foi lido. Nesse instante, cabe ao professor ajudar as crianças a construir significados e ampliar sua compreensão na perspectiva de decodificar os sinais da língua.

Nesta unidade temática analisamos os relatos das colaboradoras do estudo relativamente à mediação da alfabetização em classes multisseriadas na educação do campo. As narrativas analisadas, conforme síntese apresentada no quadro abaixo revelam:

Quadro 01 - Síntese do conteúdo: mediação das práticas de leitura e escrita na alfabetização de crianças em classes multisseriadas em escolas do/no campo

- A mediação da alfabetização acontece de forma técnica;
- A mediação, segundo as professoras, parte dos conhecimentos das crianças sobre a escrita.
- A interação entre professoras e crianças é ressaltada como importante na mediação da leitura e da escrita;
- A mediação reflexiva pode formar leitores e escritores autônomos e criativos;
- A mediação da leitura e da escrita nas classes multisseriadas precisam assumir a dimensão reflexiva e valorizar a leitura como produção de sentidos.

Fonte: Memoriais biográficos, 2021.

As narrativas apresentadas anunciam que a mediação da alfabetização acontece de forma técnica, baseada no associacionismo. Nessa mediação, segundo as professoras, o ponto de partida para o ensino da linguagem escrita são os conhecimentos prévios das crianças. A interação entre professoras e crianças é compreendida pelas colaboradoras da pesquisa como aspecto importante no ensino da leitura e da escrita. As narrativas anunciam, também, que a mediação da leitura e da escrita nas classes multisseriadas precisam assumir a

## *Mediação das práticas de leitura e escrita na alfabetização de crianças em classes multisseriadas em escolas do/no campo*

dimensão reflexiva e valorizar a leitura como produção de sentidos. Os resultados da análise demonstram que os alfabetizadores precisam ressignificar suas concepções teórico-metodológicas, para que o ensino da linguagem escrita resulte em conhecimentos contextualizados e na formação de leitores e escritores proficientes.

### **Constatações conclusivas**

A partir das narrativas acerca da mediação dos alfabetizadores nas práticas de leitura e escrita desenvolvidas no processo de alfabetização, em classes multisseriadas, nas escolas do campo, verificamos que este processo acontece de forma tradicional, mas as professoras declaram que é necessário partir dos conhecimentos das crianças sobre a escrita. A título de esclarecimento, a mediação tradicional se caracteriza pela transmissão de conhecimentos, com o ensino centrado nos professores. Apesar da ênfase na mediação tradicional, as professoras compreendem a importância da interação com as crianças e entre elas, pois o ensino tem natureza interativa e, de modo especial, o ensino da leitura e da escrita exige o desenvolvimento de uma mediação reflexiva, com o intuito de formar leitores e escritores autônomos e criativos.

Entendemos a importância de a mediação da leitura e da escrita nas classes multisseriadas assumir a dimensão reflexiva e valorizar a leitura como produção de sentidos e a escrita como produção. Ao nos referirmos ao aprendizado reflexivo da leitura e da escrita estamos defendendo que nesse aprendizado as crianças precisam ser desafiadas a pensar sobre o que é a escrita, o que representa e como representa, bem como postulamos os alfabetizadores como organizadores de experiências e como desafiadores das crianças.

Diante das constatações do estudo, consideramos importante apresentar algumas recomendações, provocadas pelo conhecimento da realidade das práticas de leitura nas classes multisseriadas na educação do campo. Essas recomendações focalizam três aspectos (as práticas docentes alfabetizadoras em classes multisseriadas, a formação de alfabetizadores e a necessidade de políticas de alfabetização para os povos do campo), embora existam outras demandas igualmente importantes. No âmbito das práticas docentes alfabetizadoras em classes multisseriadas, percebemos ser essencial o processo de alfabetização considerando a leitura e a escrita como práticas sociocomunicativas, isto é, observando as reais situações que envolvem eventos de leitura e escrita em uma sociedade letrada.

Com base nos resultados da pesquisa a mediação das práticas de leitura e escrita na alfabetização de crianças em classes multisseriadas em escolas do campo exige um trabalho cuidadoso e planejado. O professor alfabetizador desempenha um papel fundamental na criação de um contexto de aprendizagem que respeite as particularidades de cada aluno e utilize estratégias diversificadas, aproveitando as interações entre as crianças e os recursos disponíveis para promover a alfabetização de forma mais colaborativa e significativa.

É essencial, ainda, que as práticas de leitura e escrita na escola não se distanciem dos usos e das funções sociais da escrita, considerando tanto as especificidades do processo de apropriação, quanto de desenvolvimento da leitura e da escrita. Além disso, as práticas docentes alfabetizadoras precisam resultar de planejamento rigoroso e sistemático que leve em conta as singularidades de cada criança e que ressalte o poder transformador da alfabetização na vida das pessoas, por possibilitar suas intervenções conscientes na realidade social e por facilitar suas interações sociais.

### Referências

BAJARD, Élie. **A descoberta da língua escrita**. São Paulo: Cortez, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CAFIERO, Delaine. **Leitura como processo**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

CLANDININ, Dorothy Jean; CONNELLY, Francis Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COLELLO, Sílvia Maria Gasparian. Alfabetização em Tempos de Pandemia. **Convenit Internacional**, n. 35. São Paulo: CEMOrOc- FEUSP, jan-abr, 2021. Disponível em: [www.silviacolello.com.br](http://www.silviacolello.com.br). Acesso em: 25 jul. 2021.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 51-61.

FERREIRA, Edith Maria Batista; CORREIA, Joelma Reis. A formação da criança leitora por meio dos gêneros do discurso: questões metodológicas. **Rev: Leitura: Teoria & Prática**, São Paulo, v. 38, n. 78, p. 79-95, 2020.

*Mediação das práticas de leitura e escrita na alfabetização de crianças em classes multisseriadas em escolas do/no campo*

FERREIRO, Emília. A escrita ... antes das letras. In: SINCLAIR, Hermine (Ed.) **A produção de notações na criança: linguagem, número ritmos e melodias**. São Paulo: Cortez Editora, 1986.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

JOLIBERT, Josette *et al.* **Formando crianças leitoras**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1993.

LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.

LEONTIEV, Aleksei Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo e linguagem**. Tradução de Manuel Dias Duarte. Lisboa: Editora Livros Horizontes, 1978.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel.; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.) **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEMORIAIS BIOGRÁFICOS. In: SILVA JÚNIOR, D. R. **Alfabetização em classes multisseriadas em escolas do/no campo: entrelugares da leitura e da escrita**. Dissertação de Mestrado em Educação (Universidade Federal do Piauí - UFPI), Teresina: Piauí, 2022, p.160.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**. Ed: UNESP, Brasília: MEC/INEP/CONPED, 2000.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, v.9, nº52, 2003.

## **Sobre os autores**

### **Dilmar Rodrigues da Silva Júnior**

Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

**E-mail:** dilmar.jrcxs93@outlook.com

**ORCID:** <https://orcid.org/0009-0005-9516-0238>

**Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

**E-mail:** [franclanecarvalhon@gmail.com](mailto:franclanecarvalhon@gmail.com)

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-6956-4670>

**Antonia Edna Brito**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí- UFPI. Professora Titular da Universidade Federal do Piauí- UFPI.

**E-mail:** [antonedna@hotmail.com](mailto:antonedna@hotmail.com)

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-0064-6501>

Recebido em: 07/04/2025

Aceito para publicação em: 06/02/2026